

Apresentação

Aqui estamos apresentando o volume 3 da revista Geografia em Questão, da AGB-seção local de Marechal Cândido Rondon/PR. A revista, em sua versão eletrônica, tem buscado divulgar e assim universalizar o diálogo com os estudiosos da geografia sobre os mais variados temas geográficos.

Nesta edição contamos com 6 artigos de diferentes temas e de diversas regiões do país, com destaque para o artigo do Professor Marcio Cataia, fruto da transcrição de sua exposição em uma mesa redonda durante o XIII EPEG- Encontro Paranaense de Estudantes de Geografia, realizado na Unioeste de Marechal Cândido Rondon em maio de 2008.

Cataia em seu texto aborda o entendimento de fronteira segundo alguns autores e formula sua concepção em que as fronteiras são o resultado do uso político do território, que pressupõe delimitação e demarcação, ou seja, implica em apropriação e regulação do espaço a ser usado. Para o autor, toda questão fronteiriça é uma questão territorial, que não pode ser dissociada do território, assim as fronteiras são o resultado do uso político do território. E este não se reduz à sua dimensão jurídica, de área delimitada pelo poder de um Estado; há atores não-estatais que também fundem suas economias e culturas ao território, ainda que sem o caráter jurídico da “territorialidade estatal”.

José Sobreiro aponta em seu texto que, os movimentos sociais e os movimentos socioterritoriais são os mesmos sujeitos vistos sob diferentes pontos de vistas, ou seja, um mesmo objeto compreendido sob o olhar geográfico ou sociológico em que a diferença está justamente na perspectiva de cada ciência.

Para isso, o autor se baseia em vários autores e os trabalhos de Fernandes (2005) e Pedon (2009) apresentam contribuições importantes na criação, construção e definição do conceito de movimento socioterritorial.

Um movimento socioterritorial é aquele que tem o território como trunfo, como motivo de sua existência, em que

todas as suas ações têm como finalidade a conquista de um território que pode ser uma casa (moradia), terra (lote de assentamento) e etc. Aponta que no interior de cada movimento socioterritorial existem formas de organização vinculadas às diversas tendências políticas e que por isso, há rupturas internas que propõem modos de reprodução social diferenciados e se pautam em objetivos distintos para o desenvolvimento da luta, conquista e manutenção do território.

Felício apóia a importância do debate de paradigmas para a compreensão da questão agrária, pois as diferentes abordagens e visões de mundo dos pesquisadores são essenciais para a compreensão do avanço do capitalismo na agricultura. Para ele o campesinato se desenvolve no capitalismo, mas não faz parte de sua lógica e por isso sua intensão foi apresentar duas perspectivas, sendo uma a de que o camponês lute contra o capital, e a outra que lute com o capital e sendo assim será asfixiado por ele.

Assim, as discussões teóricas sobre as perspectivas do campesinato estão baseados na integração-subalternidade-resistência ao capital. A subalternidade seria por meio da desterritorialização do campesinato no processo de proletarização ou por meio do monopólio do território camponês pelo capital. E a resistência é compreendida como um confronto às condições impostas pelo capital, seja desterritorializando e proletarizando ou monopolizando o território camponês. Para o autor o campesinato é parte do capitalismo à medida que é recriado pelo capital por meio das relações de compra e venda da terra e/ou do arrendamento e se recria por meio da luta pela terra, principalmente pelas ocupações de terra.

Dias aborda o complexo Grande Hotel e as Termas de Araxá e aponta que apesar da contribuição econômica que o turismo trouxe para a região, a autora questiona o fato de que a mão-de-obra utilizada em sua grande maioria é mal remunerada.

Salienta que o Grande Hotel e o Termas sofreram um processo de artificialização ao não se identificar com a comunidade local, provocando uma não-identidade e por

consequente um não-lugar. Pois o espaço criado se transformou num espaço de mercadoria e consumo apenas, em que as informações são direcionadas ao turista, sem tempo para melhor observar o entorno visitado. De outro lado também a comunidade não passou a se ver como parte desse ambiente, criado para o uso exclusivo dos turistas.

Souza analisa os principais aspectos referentes às formas de apreensão/percepção da paisagem, dos moradores da bacia ribeirão Santo Antônio – Mirante do Paranapanema/SP.

O objetivo é identificar como os moradores da bacia do ribeirão Santo Antônio apreendem as transformações ocorridas na paisagem e compreender as complexas relações estabelecidas entre os homens e seus espaços de vida, isso porque são as pessoas que constroem e/ou vivenciam suas paisagens. Conforme o autor destaca, Os indivíduos projetam sentimentos diversificados sobre o território e sua paisagem. Estes olhares se entrecruzam a partir de: juízos de valor, identidade, anseios, projetos e memória.

Através das entrevistas, o autor identificou as diferentes formas dos moradores reagirem às paisagens do lugar em que vivem, as visões sobre as atuais condições de vida em suas propriedades e suas memórias sobre o passado em comparação ao que é vivenciado nos dias atuais, bem como, apreender a percepção da paisagem, o sentimento de identidade e a ligação que os moradores têm com o seu lugar de vivência

Já Lima e Amarin pesquisaram a diferença climática entre o meio urbano e rural na cidade de Teodoro Sampaio-SP, buscando com isso, avaliar as diferenças entre a temperatura e umidade relativa do ar nestas áreas, com o objetivo de observar um clima próprio nas áreas urbanas, decorrente do uso e ocupação do solo diferenciado que ocorre nestas áreas com a retirada da vegetação natural e conseqüente expansão de edifícios, casas e estradas, o que contribui para o aumento das temperaturas na escala local.

Esperamos que apreciem este volume e aproveitamos para agradecer aos membros do Conselho Consultivo pela preciosa contribuição, bem como aos membros do Conselho editorial pela continuidade e viabilização da revista.

Os editores